

O CONTRIBUTO DE CARL GUSTAV JUNG

Trabalho realizado na cadeira de Teorias da Personalidade

2010

Ricardo Miguel Guerreiro Viegas da Silva

Estudante da Licenciatura em Psicologia pela
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Portugal)

Docente:

Prof. Doutor António Camilo Ribeiro

Email:

rmgvs@hotmail.com

RESUMO

Carl Gustav Jung desenvolveu uma teoria complexa e fascinante de psicologia, que abrange que abrange de uma forma extraordinariamente extensa, comportamentos e pensamentos humanos. Jung foi um pesquisador da psicologia profunda, erudito, viajou bastante. Desenvolveu uma tipologia psicológica. Possui um conteúdo filosófico e literário consistente, não dá importância ao complexo de Édipo, não aceita a ideia de que a energia psíquica é de origem sexual, cria o conceito de inconsciente colectivo, uma supra estrutura básica que subjazesse a actividade psíquica de todos os indivíduos.

Palavras-chave: Jung, teoria, psique, consciência, ego, inconsciente, self



Em Julho de 1875, na Suíça nasce Carl Gustav Jung. Seu pai assim como diversos parentes mais próximos eram pastores luteranos, por esse motivo, na infância Jung foi afetado por questões religiosas e espirituais de forma profunda.

Na altura de frequentar a universidade, Jung resolveu estudar medicina mantem no entanto entre seus interesses por ciências naturais e humanas, um compromisso. Naquele tempo muito embora a psiquiatria fosse relativamente indiferenciada e pouco desenvolvida, foi atraído pelo estudo dos distúrbios da personalidade, compreendeu que a psiquiatria envolvia ambas as perspectivas, humana e científica.

Jung em 1900, na clinica Psiquiátrica Burgholzli situada em Zurique, um dos centros mais progressivos psiquiátricos da Europa, tornou-se interno. Zurique tornou-se sua morada permanente. Tornou-se professor de Psiquiatria em 1905, com 30 anos, na Universidade de Zurique e médico efetivo na Clínica Psiquiátrica.

Apesar das críticas apontadas a Freud nos meios científicos e acadêmicos, Jung estava convencido do valor do trabalho de Freud. Enviou cópias de seus artigos e de seu primeiro livro e, em seguida, Freud convidou-o para vir a Viena, onde passaram 13 horas seguidas conversando. Passaram a se corresponder semanalmente depois disso e Freud chegou a considerar Jung como seu sucessor lógico.

Jung aproximou-se de Freud por afinidade científica, o que os levou a uma afinidade pessoal e uma sólida amizade, ainda hoje erroneamente interpretada como discipulado.

Jung achegou-se a Freud como colaborador, pois muitas de suas idéias acerca da fenomenologia da psique já estavam articuladas. Ele expôs inúmeras vezes sua dificuldade em aceitar a teoria da sexualidade, ao que Freud rebatia, insistindo na inexperiência do amigo.

Após o rompimento com Freud, Jung entrou em um período de crise (1913-1918), da qual emergiu sua maior contribuição para a Psicologia. Foram anos de sofrimento e também de várias descobertas.

Jung gradualmente desenvolveu suas próprias teorias sobre análise de símbolos oníricos e também sobre processos inconscientes. Aos 69 anos de idade teve um enfarto, que quase o levou a morte. Quando sarou, Jung entrou num período bastante produtivo, no qual escreveu muitos de seus trabalhos mais importantes.

Em 1961 dia 6 de junho, com 86 anos, Jung morre, após uma vida de prática clínica, pesquisas e escritos. Deixou extensa obra publicada.

A Psique

Na psicologia Junguiana, a personalidade como um todo é denominada psique. Esta palavra latina significa originalmente “espírito” ou “alma”, tendo porém passado, nos tempos modernos, a significar “mente”, como em psicologia, a ciência da mente. Todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos são abrangidos pela psique, tanto os conscientes como os inconscientes. Regula e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico, funciona como que uma guia.

O conceito de psique sustenta a idéia primordial de Jung de que uma pessoa, em primeiro lugar, é um todo. Não uma reunião de partes, cada uma das quais foi sendo acrescentada pela experiência e pela aprendizagem, do mesmo modo como poderíamos mobilar uma casa peça a peça.

Tal concepção fragmentária da personalidade é rejeitada por Jung. O homem não luta para se tornar um todo; ele já é um todo, ele nasce como um todo o que lhe cabe fazer durante a existência, é desenvolver este todo essencial, até levá-lo ao mais alto grau possível de coerência, diferenciação e harmonia, e velar para que ele não se fracione em sistemas separados, autônomos e conflitantes. Uma personalidade dissociada é uma personalidade deformada.

A psique compõe-se de numerosos sistemas e níveis diversificados, porém inter atuantes. Podem-se distinguir três níveis na psique, o Inconsciente Pessoal a Consciência, e o Inconsciente Coletivo.

Consciência

A única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo é consciência. Aparece logo cedo na vida, provavelmente antes do nascimento. Quando se observa uma criancinha, pode-se notar uma percepção consciente a operar enquanto a criança reconhece e identifica, os brinquedos os pais e os diversos objetos que a rodeiam.

Cresce diariamente esta percepção consciente por força da aplicação das quatro funções mentais que Jung denominou pensamento, sentimento, sensação e intuição. Além dessas quatro funções mentais, existem duas atitudes que determinam a orientação da mente consciente. Estas atitudes são a introversão e extroversão. A atitude, introvertida orienta a consciência para o mundo interior, subjetivo; enquanto que a atitude extrovertida orienta a consciência para o mundo externo, objetivo.

O processo graças ao qual a consciência de um individuo se diferencia ou se individualiza da de outras é conhecido pelo nome de individuação. A individuação desempenha um papel primordial no desenvolvimento psicológico.

A meta da individuação é conhecer a si mesmo tão completamente quanto possível, ou a autoconsciência, ou consciência em expansão. Decorre um novo elemento a que Jung deu o nome de Ego, o processo de individuação da consciência.

O Ego

Ego é o nome dado por Jung à organização da mente consciente, e que se compõe de percepções conscientes, de recordações, sentimentos e pensamentos. O Ego desempenha a função básica da vigia da consciência. A menos que o Ego reconheça a presença de uma idéia, de um sentimento, de uma lembrança ou de uma percepção, nada disto pode chegar à consciência. O Ego é altamente seletivo, assemelha-se a uma destilaria, muito material psíquico é levado a ele, porém muito pouco sai dele, ou nele atinge o nível da plena consciência. O critério de seleção do material que chega à consciência é determinado pela função predominante.

O Ego fornece à personalidade continuidade e identidade. Sentimos hoje sermos a mesma pessoa de ontem, deve-se ao Ego.

Inconsciente Pessoal

As experiências que não têm aceitação do Ego não desaparecem da psique, porque nada do que foi experimentado deixa de existir. Ao contrário, ficam armazenadas no que Jung denominou inconsciente pessoal. É uma espécie de recipiente que contém todas as atividades psíquicas e os conteúdos que não se harmonizam com a individuação ou com a função consciente. Ou então foram experiências outrora conscientes que passaram a ser reprimidas ou desconsideradas por diversos motivos, um pensamento entristecedor, um conflito pessoal, um problema não resolvido, ou um problema moral são exemplo disso.

Ficam muitas vezes esquecidas, simplesmente porque não eram importantes ou porque assim pereceram na época em que foram experimentados. Todas as experiências fracas demais para atingir a consciência, ou para nela permanecer ficam armazenadas no inconsciente pessoal.

Os conteúdos do inconsciente pessoal de modo geral, têm fácil acesso à consciência quando surge tal necessidade.

Uma pessoa sabe o nome de muitos amigos e conhecidos. Naturalmente, tais nomes não permanecem o tempo todo presentes na consciência mas estão à disposição sempre que necessário. Onde ficam quando não estão na consciência? Estão no inconsciente pessoal, que atua à maneira de um complicado sistema de abastecimento, como um bando da memória, como os arquivos e programas gravados nas pastas e nos diretórios do disco rígido do computador.

Inconsciente Colectivo

É a parte da psique que se pode distinguir do inconsciente pessoal pelo fato de sua existência não depender da experiência pessoal. O inconsciente pessoal compõe-se de conteúdos que foram em certo momento conscientes, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo jamais o foram no período de vida de um indivíduo.

O inconsciente coletivo é um reservatório de imagens primordiais ou imagens latentes, e diz respeito ao desenvolvimento mais primitivo da psique. Estas imagens são predisposições ou potencialidades no experimentar e no responder ao mundo tal como os antepassados. Como por exemplo o medo que temos de serpentes ou do escuro. Jung acreditada em uma espécie de herança entre gerações, onde por exemplo, o medo do escuro ou das serpentes aprendido por uma geração ou por uma série de gerações pode ser herdado pelas gerações seguintes.

Portanto, o homem nasce com muitas predisposições para sentir, pensar, perceber e agir de maneiras específicas. O desenvolvimento e a expressão de tais predisposições ou imagens latentes depende inteiramente das experiências do indivíduo.

Quanto maior o número de experiências, mais numerosas as probabilidades de as imagens latentes tornarem-se manifestas. Eis por que um ambiente rico em oportunidades de educação e aprendizado faz-se necessário para a individuação de todos os aspectos do inconsciente coletivo.

Jung descobriu que a caracterização de cada indivíduo pode ser em primeiro lugar com orientação para o seu interior ou para o seu exterior. No caso dos introvertidos a sua energia segue de forma mais natural em direção ao seu mundo interno, No caso do extrovertido a energia é mais focalizada e centralizado no mundo externo.

Ninguém é puramente introvertido ou extrovertido. Jung comparou esses dois processos ao batimento cardíaco – há uma alternância rítmica entre o ciclo de contração (introversão) e o ciclo de expansão (extroversão). Entretanto, cada indivíduo tende a favorecer uma ou outra atitude e opera principalmente em termos desta atitude.

Em determinadas situações ou ocasiões a introversão é mais apropriada, em outros casos é a extroversão. As duas são mutuamente exclusivas, não se pode manter ambas as atitudes, a introversão e a extroversão, ao mesmo tempo. Nenhuma das duas é melhor que a outra. O ideal é ser existir flexível e ter capacidade de adotar qualquer uma delas quando for mais conveniente.

Primeiramente Jung definiu duas atitudes, a Introversão e a Extroversão. Logo após definiu as funções psíquicas – Sensação, Intuição, Pensamento e Sentimento -, além dos conceitos de função principal, auxiliar e inferior.

Atitudes

Por atitudes estamos definindo qual rumo toma a energia psíquica, ou seja, onde uma determinada pessoa foca preferencialmente sua atenção. A atenção pode estar voltada para fora, para o mundo concreto de pessoas, fatos, e coisas ou voltada para si mesmo, o mundo interno de impressões pessoais e representações.

Extroversão

As pessoas que têm uma atitude extrovertida geralmente focam a sua atenção no mundo externo de factos, coisas e pessoas. Essas pessoas orientam-se de acordo com o ambiente externo e são muito suscetíveis a ele. A experiência imediata tem predominância sobre os aspectos subjetivos. O interesse está voltado para o mundo externo, que é ao mesmo tempo orientador e campo de ação.

Geralmente os extrovertidos apresentam uma disposição para a impulsividade, uma espécie de “vãos viver a vida agora e depois pensaremos sobre ela”. Preferem falar a escrever, ver e ouvir a ler. Tendem a conhecer uma série de assuntos pela superfície, mas sentem dificuldade em aprofundar seu conhecimento específico; são mais generalistas do que especialistas. Achem fácil ter muitos amigos, mas suas relações não costumam ser muito profundas.

Correm o risco de ser envolvidos demais pelo mundo externo e suas exigências, ficando assim muito distante de suas próprias necessidades pessoais, o que lhes causa muitos transtornos e aborrecimentos.

Introversão

No introvertido o foco de atenção é deslocado para o seu mundo interno de impressões, emoções e pensamentos – os seus próprios processos internos.

O introvertido tende a apresentar certa hesitação frente a uma decisão, uma espécie de “vamos analisar e compreender a vida antes de vivê-la”. Possui maior facilidade em escrever do que em falar, aprende melhor lendo do que ouvindo e vendo. É mais especialista do que generalista, prefere conhecer muito sobre poucos assuntos do que ao contrário, aprecia poucas mas profundas amizades e seu círculo de amigos tende a ser pequeno.

Um grande problema é quando o introvertido se deixa absorver totalmente pelo seu mundo interior, negando-se a entrar em contato com o mundo exterior.

FUNÇÕES

Funções Irracionais

Por funções irracionais estamos definindo as duas maneiras possíveis de receber informação sobre algo, ou seja, de que maneira uma determinada pessoa prefere receber informações do meio, para poder processá-las e agir no meio.

Há duas maneiras de receber informações: ou diretamente dos órgãos dos sentidos ou criando uma idéia concreta sobre a informação: ou recebendo-as de modo a não se fixar nas características concretas da informação, mas nas possibilidades futuras da mesma. Assim, temos a sensação e a intuição, respectivamente.

Sensação

A função sensação privilegia os órgãos dos sentidos. É a função que nos diz que algo existe. As pessoas que preferem receber informações através da sensação são pessoas voltadas para o aqui e agora, mostrando-se práticas e realistas. Tendem a aceitar as coisas como lhes parecem ser, não utilizando muito a imaginação. Preferem manter as coisas funcionando, ao invés de criar novos caminhos. Preferem ver as partes em vez do todo, aprendem melhor uma tarefa a ser executada quando os passos práticos para tal são explicitados.

Intuição

O intuitivo vê o todo e não apenas as partes. Quanto uma tarefa lhe é designada, ele precisa compreender o todo para poder realizá-la a contento. Prefere planejar do que executar, e esta sempre adiante de seu tempo quanto a projetos e possibilidades.

Funções Racionais

As funções racionais são definidas como sendo aquelas que determinam dois modos possíveis de tomada de posição, ou seja, de que maneira uma pessoa prefere avaliar as informações recebidas do meio ambiente e como prefere tomar decisões. Duas são as possibilidades: ou através de uma análise lógica e racional, baseada em estruturas gerais de pensamento; ou através de uma avaliação valorativa pessoal. Aí temos o pensamento e o sentimento, respectivamente.

Pensamento

As pessoas que preferem tomar decisões baseadas no pensamento procuram orientar-se por uma lei geral aplicável às situações, sem permitir a interferência de valores pessoais. Estão atentas à causalidade lógica de seus atos e eventos. Inclui em sua avaliação os prós e contras de uma mesma situação e buscam um padrão objetivo da verdade. Apreciam a organização e a lógica, baseando seus julgamentos em padrões universais e coerentes.

Essas pessoas lidam melhor com tarefas (processos formais e lógicos) do que com pessoas, pois não conseguem lidar com valores pessoais, sejam os seus ou os de outros.

Sentimento

O sentimento não deve ser confundido com emoção ou afeto, pois a emoção pode surgir em uma pessoa de qualquer um dos tipos psicológicos. A emoção é um afeto de grande intensidade e energia que, quando nos assalta, altera funções orgânicas como batimento cardíaco e ritmo respiratório. A função sentimento nada tem a ver com essas reações físicas, pois está ligada a uma dimensão valorativa das pessoas e coisas – é a busca de valores pessoais e não universais, como ocorre com a função pensamento.

As pessoas que preferem tomar decisões com base no sentimento estão utilizando dos seus próprios valores pessoais (ou de outros), mesmo que essas decisões não tenham lógica e objetividade alguma do ponto de vista da causalidade e das leis gerais. Sempre levarão em conta o que sentem em relação a alguém ou a uma situação. Como valorizam as impressões pessoais, estão naturalmente voltadas para as relações interpessoais e preocupam-se com os sentimentos e valores dos outros; assim as idiosincrasias humanas são respeitadas. Tendem a ser receptivas e boas para lidar com as pessoas, além de possuírem uma forte atração pela história e pelas tradições.

Função Principal - Função Auxiliar - Função Inferior

Uma combinação das quatro funções para o indivíduo, resulta numa equilibrada abordagem do mundo. Jung escreve: “a fim de nos orientarmos, temos que ter uma função que nos assegure de há algo aqui (sensação), uma segunda função que estabeleça o que é (pensamento), uma terceira função que declare se isto nos é ou não apropriado, se queremos aceitá-lo ou não (sentimento) e uma quarta função que indique de onde isto veio e para onde vai (intuição)”.

Ninguém desenvolve no entanto de forma igual todas as quatro funções. Cada indivíduo tem uma função fortemente dominante, e auxiliariamente uma função parcialmente desenvolvidas. A soberania de uma das funções é exclusiva, pois é aquela com a qual o ego mais se identifica. A

função auxiliar não chega a atingir a desenvoltura da primeira, pois se assim fosse teríamos uma de direções, o que não é satisfatório para a adaptação da pessoa ao mundo. É importante uma segunda visão e não um conflito de direções.

Nossas forças e fraquezas relativas e o estilo de atividade que tendemos a preferir, são indicadores do nosso tipo funcional. Esta tipologia de Jung é útil especialmente no que diz respeito ao relacionamento com os outros, ajudando-nos a compreender os relacionamentos sociais. A tipologia de Jung descreve como os indivíduos percebem de maneira alternadas e usam diferentes critérios ao agir e ao fazer julgamentos.

A função psíquica principal e mais diferenciada é a que está mais subordinada ao controle da consciência. É semelhante à lateralidade, preferimos uma das mãos para escrever embora tenhamos a outra, privilegiamos uma das mãos, e por isso mesmo ela será muito mais ágil e mais facilmente coordenada pela vontade consciente.

A função principal pode se manifestar de maneira introvertida ou extrovertida. Essa é a função mais desenvolvida e utilizada na vida diária.

A função psíquica diferenciada com menos intensidade do que a função principal é a função auxiliar, oferece um segundo ponto de vista a ser considerado e contribuirá para uma compreensão mais ampla de uma situação qualquer.

Á função menos desenvolvida em cada indivíduo foi chamada por Jung de função inferior. É uma função menos consciente e a mais primitiva, arcaica e desadaptada. Corresponde ao lado sombrio da personalidade e constitui a porta de acesso ao inconsciente. Opõe-se à função principal e apresenta uma atitude inversa à primeira. Representa o nosso lado não desenvolvido, em que a inabilidade se manifesta de maneira instintiva e por vezes destrutiva e perigosa.

A principal característica da função inferior é a autonomia, pois ela não está subordinada à autoridade da consciência (ego) e por isso mesmo pode agir de maneira independente da vontade da pessoa e prejudicar sensivelmente os planos desta.

O mais importante da tipologia de Jung é não nos fixarmos no tipo, mas no dinamismo da psique, pois a tipologia não é estrutural, mas funcional e fenomenológica.

CONCLUSÃO

Jung foi um pesquisador da psicologia profunda, erudito, viajou bastante. Desenvolveu uma tipologia psicológica. Possui um conteúdo filosófico e literário consistente, não dá importância ao complexo de Édipo, não aceita a ideia de que a energia psíquica é de origem sexual, cria o conceito de inconsciente colectivo, uma supra estrutura básica que subjazesse a actividade psíquica de todos os indivíduos.

Tinha ranços espiritualistas, acreditava que a religião tinha alguma coisa acima da ciência. Estudou alquimia, prevê modificações estruturais... Priorisa o conteúdo manifesto, enquanto Freud dava prioridade o conteúdo latente.

Jung conceitua o inconsciente como uma região flutuante com graus maiores de consciência ou inconsciência. Não nomeia um pré-consciente. A persona é o arquétipo do relacionamento. Representa o contacto social, os modos de se relacionar, o comportamento conveniente. Tem o papel de protecção quando o meio é agressivo ao sujeito. é uma vestimenta psíquica que viabiliza as relações sociais.

O ego é o quadro de referência da realidade externa, da imagem da pessoa. é responsável pelas adaptações estratégicas. Já a sombra é o centro do inconsciente individual. Tem que ter diplomacia para lidar com ela. São os elementos incompatíveis com a actividade consciente.

Na estrutura da personalidade do homem, tem um elemento que se chama anima, que representa os aspectos femininos de sua personalidade. Na mulher é o animus. é o arquétipo de relacionamento interpessoal. O homem é feito de produtividade artística do passado, em vez da bissexualidade inicial que dizia Freud. Jung preocupa-se mais em estabelecer uma paridade, equilíbrio entre masculino e feminino. Freud já propunha uma dissimetria sexual.

O self é o arquétipo da centralidade, da harmonia, desenvolve-se progressivamente ao longo da existência do indivíduo., através do processo de individuação, o qual não se desenvolve uniformemente, pois é pessoal. O processo de desenvolvimento do self se dá através da harmonização e sintonização dos pares de opostos, parte consciente e parte inconsciente.

O objectivo maior do ser humano é tornar-se si mesmo. Todo indivíduo tem essa potencialidade, mas nem todo indivíduo a desenvolve. Até mesmo um processo psicótico pode desencadear um processo de individuação. Este é solitário, uma decisão individual, sustentado por motivação de cada um, é um caminho tortuoso.

A terapia coloca o sujeito em condições de começar seu processo de individuação. Depois que começa, a única ajuda é a do próprio sujeito. O processo de individuação se perfaz até na velhice. Já Freud diz que não há possibilidade de modificações estruturais. Jung diz que há modificações estruturais do início até o fim da vida. é mais flexível nesse ponto.

Os obstáculos ao crescimento são vencidos à medida que o processo de individuação está em marcha. Esses obstáculos são quaisquer forças que possam gerar a desarmonização do ser.

Bibliografia:

Jung, Carl G. (1921/1923). General description of the types. Chapter 10 of Psychological types (H.G. Bayes, Trans.). (Original work published 1921)

Hall, Lindzey - Teoria analítica de Jung, cap.3 In: Teorias da personalidade, ed. Pedagógica e universitária Ltda., Sao Paulo, 1973.

Reis, Magalhães, Gonçalves - Carl Jung e a Psicologia Analítica, cap.2 In: Teorias da personalidade, ed. Pedagógica e universitária Ltda., São Paulo, 1984.

Martinho, J. (2001), Freud & Companhia. Coimbra: Almedina.